

DESAFIOS DECORRENTES DA PANDEMIA DE COVID-19: UM OLHAR PARA O MERCADO DE TRABALHO

CHALLENGES ARISING FROM THE COVID-19 PANDEMIC: A VISION AT THE LABOR MARKET

Eduarda Nataly Siqueira¹
Karine Daiane Zingler²

RESUMO

O presente artigo visa apontar os desafios no mercado de trabalho no mundo pós-pandemia da Covid-19, com base na análise de indicadores econômicos, de renda e desemprego, destacando o retrato social e econômico instaurado pela Covid-19. Para tanto, é utilizado o método de pesquisa bibliográfica, análise de dados qualitativos e quantitativos, tal como dados de órgãos governamentais e artigos publicados na área. Por fim, ressalta-se a necessidade de os jovens terem acesso a uma educação vinculada a áreas inovadoras e tecnológicas, para que se possam ter mais possibilidades de inserção no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Desafios. Covid-19. Mercado de trabalho.

ABSTRACT

This article aims to point out the challenges in the labor market in the post-Covid-19 pandemic world, based on the analysis of economic, income and unemployment indicators, highlighting the social and economic portrait created by the Covid-19 pandemic. Therefore, the bibliographic research method is used, analyzing qualitative and quantitative data, such as data from government agencies and articles published in the area. Finally, it emphasizes the need for younger people to have access to education linked to innovative and technological areas so that they can have more possibilities of insertion in the labor market.

Keywords: Challenges. Covid-19. Labor market.

1 INTRODUÇÃO

A análise do valor do trabalho para o desenvolvimento econômico está presente nas discussões desde o momento em que a economia se constitui enquanto ciência. Foi Adam Smith, a partir da sua obra “A Riqueza das Nações” de 1776, que inaugurou o que se passou a chamar Ciência Econômica. Esta obra constitui-se como marco, pois se trata do primeiro registro de uma teoria consistente de análise da dinâmica do sistema econômico e com fluxos de renda. E no cerne da análise de Adam Smith estava o papel do trabalho humano como gerador de riqueza. Adam Smith criou as bases para o que ficou conhecido por “Teoria do Valor-Trabalho”, que pautou a análise econômica por mais de um século (SMITH, 2017).

Em termos teóricos, apesar do *mainstream* passar a enfatizar a utilidade como elemento criador de riqueza, a análise sobre o trabalho e seus mercados continua sendo fonte fundamental para a geração de riqueza em uma sociedade, como também o potencial de crescimento, pois trabalhadores e sua qualificação são certamente elementos que induzem agentes a investir ou não em determinadas áreas. Mais tarde, na década de 1930, John Maynard Keynes evidenciou

¹ Graduanda do curso de Administração Pública na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) - unidade universitária em Frederico Westphalen.

² Professora Adjunta na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) - unidade universitária em Frederico Westphalen. Doutora em Desenvolvimento Rural na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS), Mestre em Economia pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES), Bacharel em Economia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí).

o papel do Estado como estimulador da demanda agregada com seus gastos, mas chamou a atenção também para o papel do consumo como um dos principais componentes.

Nesse sentido, a importância da utilização da força de trabalho com remuneração adequada se torna um dos elementos fundamentais para manter a “economia” em funcionamento. Importante perceber que, ao longo da evolução da humanidade, como a força de trabalho é utilizada também se modifica, novas profissões surgem e outras desaparecem e com o incremento tecnológico esses reflexos se tornam ainda mais intensos. As revoluções tecnológicas certamente influenciam nas diferentes demandas sobre o mercado de trabalho, mas a pandemia do novo coronavírus impôs mudanças que aceleraram as tendências.

Uma pandemia pode ser entendida como o avanço de uma doença que possui abrangência geográfica, onde muitas regiões estão envolvidas no contágio, sobrepondo às respectivas populações o risco de contrair a doença. Nesse sentido, em toda a história mundial, houve epidemias que marcaram profundamente a forma de agir das pessoas, os costumes e as ações e conseqüentemente também o mercado de trabalho. Historicamente, a referência de pandemia era a gripe espanhola, que entre 1918 e 1919 matou entre 50 e 100 milhões de pessoas, conforme Rogers (2020).

Naquela época, conforme Soares (2020), a melhor maneira para prevenir o avanço do vírus foi o distanciamento social. No final de 2019, e especialmente em 2020, o mundo se viu mais uma vez em situação pandêmica, desta vez devido ao coronavírus, que até meados de 2021 já fez mais de 4 milhões de fatalidades, conforme dados do Our World In Data (2021). Tal doença é causada pelo novo coronavírus, tornou-se pública em dezembro de 2019 na China, sendo esse o início da pandemia que se alastrou rapidamente pelo mundo todo. O vírus, denominado Sars-CoV-2 (LUIGI; SENHORAS, 2020), gerou uma crise econômica e social em escala global, onde muitos países aderiram ao isolamento social e lidam com os seus efeitos a curto, médio e longo prazo.

Enquanto a pandemia se espalhava, os países foram tomando medidas preventivas para combater a doença da Covid-19. No Brasil, o primeiro caso foi registrado em fevereiro de 2020, também o primeiro caso na América Latina (PINHEIRO; RUPRECHT, 2020). Com o passar dos meses, o Brasil enfrentou e enfrenta muitos desafios relacionados à situação social e econômica do país, onde os índices de desemprego sofreram uma alta exponencial frente aos outros anos, além de também sofrer com o fechamento de indústrias e empresas, impactando na atividade econômica, nos postos de trabalho e conseqüentemente no desenvolvimento social do país.

Nesse ínterim, o país passou a ter dificuldades extremas para combater o desnivelamento dos grupos distintos da sociedade, onde quem é pobre ficou mais pobre e quem é rico continua no mesmo nível. Por assim dizer, as discrepâncias de distribuição de renda aumentaram, colocando o Brasil frente a uma crise de longo prazo e exige políticas com medidas de inclusão social ampliadas em todo o território nacional.

Por isso, este artigo se propõe a analisar a evolução de indicadores econômicos de renda nacional, desemprego e os possíveis reflexos da pandemia de Covid-19, para que, a partir disso, dimensione-se os principais desafios que a crise sanitária impõe ao desenvolvimento social e econômico do país, assim verificando os efeitos em um cenário de pós-pandemia.

Para tanto, utilizar-se-á pesquisa bibliográfica, análise de dados qualitativos e quantitativos, provenientes de informações disponibilizadas por órgãos governamentais e artigos científicos e jornalísticos publicados na área de pesquisa. Contudo, destaca-se o objetivo de análise do contexto pós-pandêmico no Brasil através da explanação dos índices que compõem a renda e o desemprego e apontando os desafios enfrentados no âmbito econômico e social ao olhar também para o mercado de trabalho e o impacto causado ao desenvolvimento do país.

2 REFERÊNCIAS TEÓRICAS

De acordo com Hunt e Lautzenheiser (2013), apesar de Adam Smith não ter formulado uma teoria valor-trabalho em sua completude, ele lançou ideias que foram depois aprofundadas por David Ricardo e Karl Marx. “O ponto de partida dessa teoria é o reconhecimento de que, em todas as sociedades, o processo de produção pode ser reduzido a uma série de esforços humanos.” (HUNT; LAUTZENHEISER, 2013, p. 41). Com isso se percebe que as questões relativas ao trabalho humano fazem parte das preocupações econômicas desde que essa se constituiu enquanto ciência.

O acesso ao emprego é o que permite ao indivíduo meio para sua sobrevivência e para o consumo. Datheine (2005) e Proni (2015) trazem uma análise do arcabouço teórico do estudo do desemprego na teoria econômica e demonstram que a preocupação com o nível de emprego ultrapassa as diferentes vertentes teóricas introduzida ao debate mais profundo a partir da Revolução Keynes. Conforme Hunt e Lautzenheiser (2013), Keynes em seus estudos, que passaram a ser difundidos na década de 1930, demonstrou a importância do consumo como componente da demanda agregada decorrente da renda nacional, mas que tem também o importante papel dinamizador da economia. E sendo o emprego formal um indicador para análise da renda dos indivíduos, torna-se também “termômetro” para avaliação do crescimento em curto e médio prazo.

Weber (2004), em seus estudos, defende que a posição no mercado de trabalho possui influência sobre as oportunidades de vida que cada um dispõe. Para o autor, as pessoas tornam-se mais negociáveis, enquanto possuem maiores níveis de qualificação profissional, através dos diplomas, títulos e habilidades adquiridas. Agora, se na modernidade, essas competências, segundo Weber, atendiam às demandas do mercado, no mundo contemporâneo, as exigências são maiores, devido à variedade de tarefas que requerem cada vez mais competência dos indivíduos.

Ao longo da história, crises, tanto de ordem econômica como as de origem sanitária ou social, trazem mudanças também no mercado de trabalho, visto que repercutem na maneira como as atividades econômicas são desenvolvidas. No ano de 2020, o mundo foi abalado pela maior crise sanitária, que gerou resultados econômicos devastadores em diferentes segmentos econômicos.

A Pandemia da Covid-19, para Melo (2020), trouxe não apenas mudanças nos hábitos diários dos cidadãos brasileiros, mudando radicalmente o cotidiano de todos, como também acelerou mudanças previstas. Tais mudanças intensificaram o âmbito social e o de trabalho, relacionadas à forma de socialização entre as pessoas e a relação como passou a ser visto o mercado. Nesse sentido, as exigências referentes à formação e qualificação de cada indivíduo possuem maior demanda e efeito para a sua inserção no mercado. Este, porém, pode ser considerado um desafio no mundo pós-pandemia.

Para Mattei e Heinen (2020), ao contrário do que o governo federal brasileiro e algumas instituições internacionais tentam passar, os efeitos econômicos da Covid-19 não terão curta duração. A pandemia deflagrou uma crise mundial que deve reverberar pelos próximos anos. Henriques e Vasconcelos (2020) ainda ressaltam que não houve plano do governo brasileiro para reorientar a economia com foco no estímulo aos setores de serviços e produtos necessários. Tal medida teria sido um fator para a geração de empregos num momento de desaceleração drástica da atividade econômica.

Houve ainda, segundo os autores mencionados anteriormente, poucas ações de suporte social que permitissem adesão ao confinamento, medida essa adotada por diversos países para conter a disseminação do vírus em grande escala. Este fator está atrelado à desaceleração da economia, já que no Brasil uma parcela da população não possui fonte regular de renda e pode nesse sentido aderir à quarentena e ficar em casa.

Dentro deste contexto, entender como ficará o mundo durante e pós-pandemia é importante, pois as pessoas deverão estar preparadas para uma nova estrutura econômica que deve ir se formando, já que os resultados gerados por tal crise econômica devem se alastrar e se somar à inserção tecnológica em ritmo acelerado. Modifica-se a forma de aprendizado e de trabalho e o mercado se torna cada vez mais competitivo, sendo possível obter um nível de exigência maior de desenvolvimento daqueles que estão inseridos no mercado e, sobretudo, dos que estão a se inserirem e buscando novas oportunidades (MELO, 2020).

Em uma entrevista realizada para a BBC News Brasil, por André Shalders, em 2020, o biólogo e divulgador científico Atila Iamarino ressalta que o mundo depois do isolamento não será mais o mesmo, pois algumas mudanças adotadas para conter a disseminação do vírus trouxeram comodidade e facilidades que devem se manter, como o uso da tecnologia, especificamente dos aplicativos, ferramenta que tornou o processo de inovação e reinvenção no mercado mais viável, solução necessária para manter os estabelecimentos funcionando em tempos de crise, ainda que pautado pelas necessidades de pessoas que atuem nas funções essenciais para o devido funcionamento (IAMARINO, 2020).

Atila ainda exemplifica o ponto de vista em que defende tais premissas no que diz respeito a mudança no mercado em um momento pós-pandêmico assim, como se segue: “Tem um restaurante aqui perto de casa que frequento regularmente. Não cheguei para eles e falei: Olha, quando o Covid-19 vier não feche. Porque eu sei que não existe essa possibilidade. Eu falei para eles: "Avise seus clientes que você faz entrega. Já vai testando os diferentes aplicativos de entrega para ver quem cobra a melhor taxa. Já prepara as pessoas que trabalham na cozinha para revezar turnos e se prepara financeiramente porque vai ser um impacto grande". (IAMARINO, 2020).

Enxerga-se, porém, a necessidade de reinvenção da forma de trabalho e o não fechamento dos postos que conseqüentemente leva à demissão de pessoas. Fato este que para Chiavenato (2005), não é bom para ambos os lados, empresa e trabalhador, pois a demissão acontece com o sentimento de incompetência e inutilidade, que traz conseqüências drásticas na vida do indivíduo se não tratada de maneira correta, principalmente quando ocorre de maneira inesperada (CHIAVENATO, 2005).

Sendo assim, aderir à forma de inovação e reinvenção no mercado de trabalho pode ser entendido como uma opção para manter a economia funcionando mesmo em tempos de crises, pois pode servir como modelo de aceitação para lidar com as novas demandas do novo mundo, o mundo depois da pandemia, que mostrou a exigência do constante desenvolvimento profissional e principalmente criatividade e inovação para lidar com os problemas e desafios enfrentados no mercado.

Enquanto o nível de exigência pelo desenvolvimento contínuo, tecnológico e a qualificação em áreas com ênfase em inovação pelos profissionais aumentam, há uma demanda a ser atendida pelos profissionais da gestão de pessoas. Tais profissionais devem buscar perfis com características que se adequem ao novo mercado, das quais estão ligadas à maneira como o indivíduo lida com as novas tecnologias e busca introduzi-las no dia a dia da organização. Tal fato é um desafio, dado que, antes da Covid-19 o país já enfrentava um verdadeiro apagão de talentos, agora se tem mais dificuldade para encontrar pessoas que possuam as competências necessárias para a nova realidade (ALVES, 2020).

Para Emmendoerfer (2017), a área de gestão de pessoas necessita buscar dentro de um contexto de trabalho intensificado, o aprofundamento nas questões da vida cotidiana, tais como, gênero, diversidade, organização familiar, atividade de lazer, saúde física e emocional, pois se tornam essenciais para a resolução das dificuldades encontradas na sociedade contemporânea (EMMENDOERFER, 2017).

Ainda, Vascelos (2020) ressalta que a crise mundial de saúde causada pelo novo coronavírus tem, por um lado, a existência predeterminada, pois é considerado o fim enquanto

se diminui o contágio da doença nos países. Já, por outro lado, deixa muitos aprendizados e lições definitivas que ditarão a nova realidade do mundo, sobretudo a realidade atrelada à forma como o mercado de trabalho se modifica. O mercado agora é dado pela exigência de cada vez mais se obter a união entre as pessoas e a tecnologia, assim modificando os postos de trabalho e requisitando mais conhecimento tecnológico dos indivíduos (VASCONCELOS, 2020).

Vasconcelos (2020) também destaca que a gestão de pessoas passa, no contexto atual, por mudanças de identificação do profissional certo para a organização. Dessa maneira, como mostrado fortemente em meio à pandemia, um profissional pode trabalhar, alcançar seus resultados e manter elevados níveis de produtividade. Agora, mesmo longe do gestor e afastado da estrutura física da empresa, é possível os funcionários manterem o nível de produção e obterem os resultados almejados pela empresa.

Nesse sentido, é necessário aderir à rápida inserção tecnológica nos meios de trabalho, algo fundamental aos funcionários e, inclusive, visto com alto reconhecimento e valorização pelo gestor de pessoas. Diante disso, não só a área de recursos humanos terá que se adequar a nesse novo contexto de muito avanço tecnológico e mudanças nas relações pessoais e de trabalho, como também os próprios funcionários deverão se adequar às novas exigências do mercado. É necessário, contudo, ater-se ao estudo do que o novo mercado precisa nas relações de trabalho e na gestão das pessoas.

3 RESULTADOS DE PESQUISA

Para analisar os efeitos da pandemia na sociedade, especialmente no que diz respeito aos aspectos econômicos, um dos elementos a ser analisado é a evolução da produção de riquezas em território nacional e para tanto o Produto Interno Bruto (PIB) é o indicador mais utilizado.

Ao se analisar os dados, percebe-se que o PIB vem demonstrando melhora no primeiro trimestre de 2021, mas efeitos secundários, especialmente ligados ao trabalho e à distribuição de renda, precisam ser analisados. Em um contexto de crise sanitária e econômica instaurada, os brasileiros menos favorecidos ficam à mercê daqueles que oferecem qualquer opção como atividade econômica.

Diante disso, abre-se espaço para a exploração de trabalhadores por muitos empregadores, o que se entende gerar o efeito cascata. Tal efeito gera um nível maior de desigualdade entre os grupos, onde quem predomina são os que detém maior poder econômico.

Contudo, o presente instrumento de pesquisa visa analisar um contexto pós-pandemia, no que se refere ao desenvolvimento de âmbito econômico e social. Desta forma, é possível entender um Brasil que se intensificou com a pandemia da Covid-19 e tornou-se desigual a nível extremo, possuindo muitas famílias em situação de extrema pobreza.

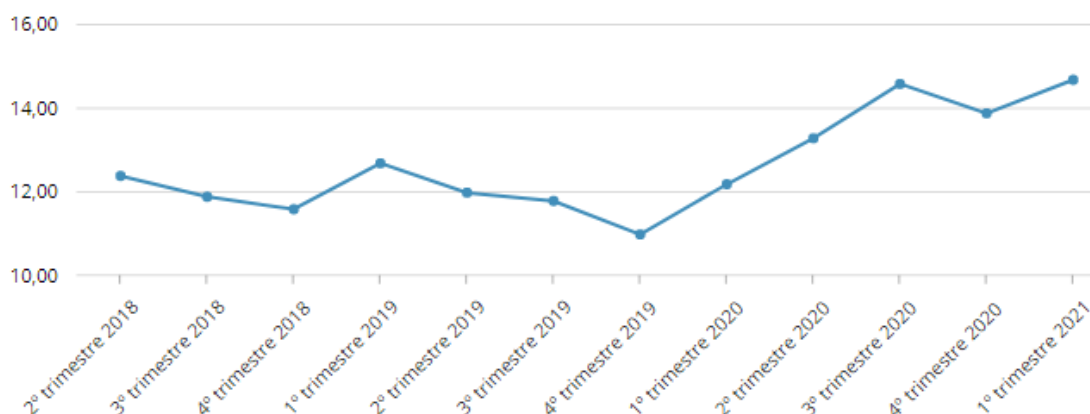
Por isso, serão identificados os fatores que colaboram para tal disparidade de renda e aumento nos índices de desemprego e o desenvolvimento do PIB do país. Como classificado para a busca de dados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), desempregado é aquele que não tem uma função, mas possui força de trabalho ou ainda está buscando por um emprego. Logo, não é considerado desempregado aquele que está desocupado. Então, para ser considerado como tal é preciso ter força de trabalho (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020).

No Brasil, o índice de pessoas desempregadas aumenta, o que conforme os dados levantados pela pesquisa domiciliar, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), o crescimento do índice atingiu o auge no ano de 2020. Diante disso, é possível atrelar tal fato à mudança dos postos de trabalho, no que diz respeito à inserção tecnológica.

Assim, surge a necessidade da empresa dispensar funcionários inativos, também gerando impacto econômico ao país, onde o primeiro manejo na empresa para o pleno

funcionamento está na dispensação de pessoal (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020). Para melhor analisar o índice de desemprego no decorrer dos anos, segue o gráfico referente a taxa trimestral de 2018 até o primeiro trimestre de 2021.

Gráfico 1 - Índice de Desemprego trimestral 2018-2021

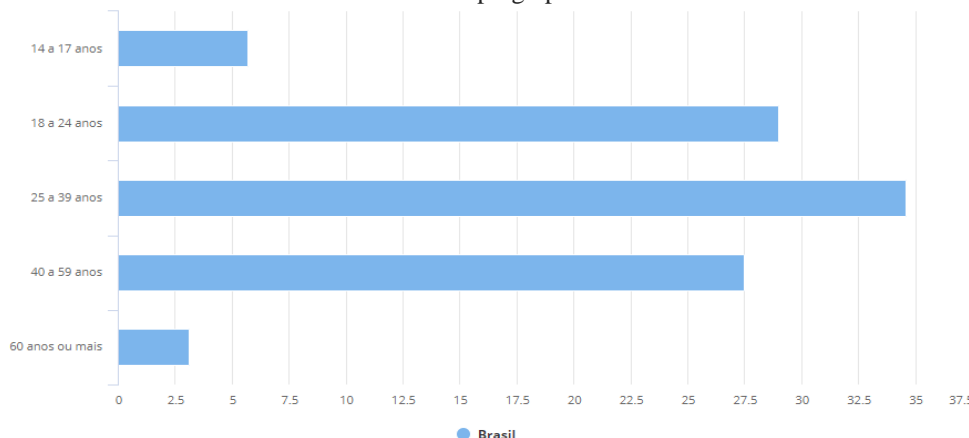


Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021.

Ao analisar o Gráfico 1, é preciso ressaltar o crescimento consecutivo do índice a partir do ano de 2019, já contando com o primeiro trimestre de 2020, ano em que eclodiu a pandemia do coronavírus no Brasil. Já no quarto trimestre, o índice recua, ainda há uma taxa exacerbada de brasileiros desempregados, mas que demonstra expectativa de melhora para o ano seguinte, o que não acontece, em vista de que, no primeiro trimestre de 2021, o índice bate o recorde de 2021, alcançando a taxa de 14,70% de pessoas sem ocupação no país, IBGE (2021). Ou seja, a situação econômica em empregos formais estava melhorando ao longo de 2019, porém já desde o início de 2020 se mostrou com dados desfavoráveis. Entre os principais elementos que podem explicar esse desempenho já pode ser citada a pandemia, que apesar de no Brasil ter efeitos mais diretos a partir de março de 2020, já vinha trazendo desconfiança em nível internacional.

Ao se analisar essa porcentagem de pessoas desempregadas referentes ao primeiro trimestre de 2021 pela faixa etária, nota-se a sobreposição do grupo de pessoas que possuem entre 25 a 39 anos que estão desempregadas paralelo a uma diferença não tão grande entre os que possuem de 18 a 24, portanto, jovens que estão ingressando no mercado de trabalho.

Gráfico 2 - Desemprego por Faixa Etária



Fonte: Microdados da PNADC pelo IBGE, 2021.

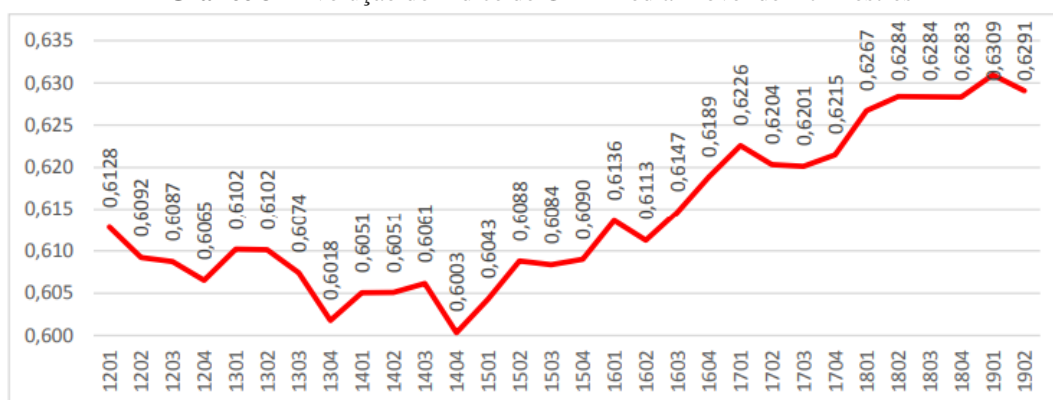
É possível interligar esse fato pela exigência de cada vez mais pessoas com experiência para atuar no mercado de trabalho (Gráfico 2). Assim, é o que dificulta a inserção dos jovens no mercado, como também exige a demanda de conhecimento contínuo daqueles que já estão inseridos. Nesse sentido, tal fato é o que faz com que o mercado esteja cada vez mais concorrido no decorrer dos anos, onde há pouca oferta de vagas para muita demanda de pessoas em busca destas.

Entende-se que o desemprego, em todos os níveis, acentua os problemas socioeconômicos existentes no país, assim como eleva a desigualdade social. Pois, no que diz respeito à disparidade de renda e à inclusão das classes menos favorecidas nos assuntos sociais e de desenvolvimento do país, a possibilidade de inclusão pode estar atrelada ao fato do indivíduo possuir um emprego. Assim, as necessidades pessoais e de sobrevivência podem ser sanadas.

Neste contexto, conforme o levantamento feito pelo Banco Mundial em 2020, o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo e não apresenta melhoras nos últimos anos. O país figura como o 9º país mais desigual entre os 164 países selecionados, atrás apenas de Moçambique, Suazilândia, República Centro-Africana, São Tomé e Príncipe, Zâmbia, Suriname, Namíbia e África do Sul (BANCO INTERNACIONAL PARA RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO, 2020).

Para complementar, tal estudo feito pelo Banco Mundial, no que tange à pesquisa realizada por Marcelo Neri para a Fundação Getúlio Vargas, mostra que no decorrer dos anos de 2014 a 2019 a distribuição de renda se mostrou desigual na medida em que o índice só aumenta. No entanto, se assevera mais ainda em 2020 devido à epidemia da Covid19 (NERI, 2019). A fins de medir a desigualdade de renda existente no país, usa-se o índice de Gini, que mede o grau de concentração de renda em determinado grupo variando de 0 a 1, onde para 0 tem se uma situação de igualdade e para 1 a situação é de desigualdade. Assim como seguem nos gráficos 3 e 4.

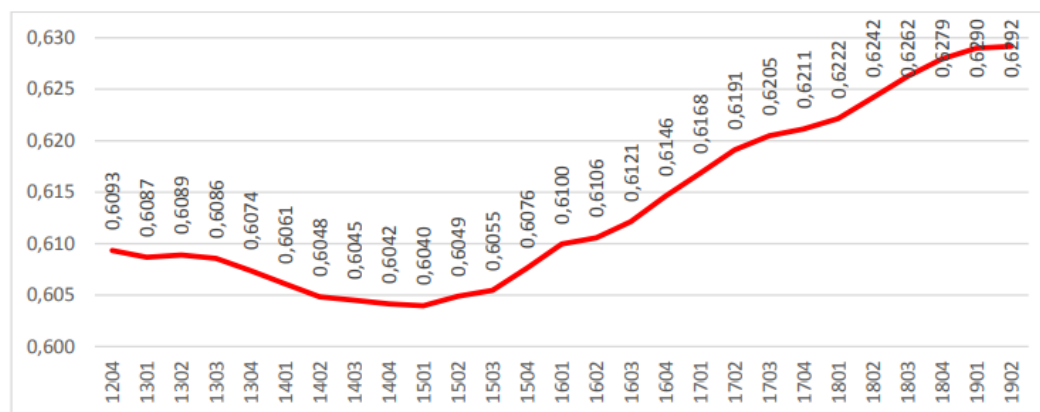
Gráfico 3 - Evolução do Índice de Gini- Média Móvel de 4 trimestres



Fonte: FGV/Social/CPS a partir de dados da PNADC/IBGE, 2019.

Analisando o Gráfico 3, é possível perceber o recuo mínimo do índice no ano de 2014, mas que logo retoma a posição 0,6043 no ano seguinte, disparado consecutivamente no ano de 2016. Tal evento demonstra fortemente o crescimento da disparidade de renda no país e para Marcelo Neri (2019), as progressões tendem a aumentar, devido à crise causada pela pandemia no ano de 2020 e ainda se agravar em 2021. Tendo em vista o índice alto de desemprego, há a crença de que essa é a situação que contribui para a desigualdade que assola o Brasil.

Gráfico 4 - Evolução do Índice de Gini- Média Móvel de 4 trimestres

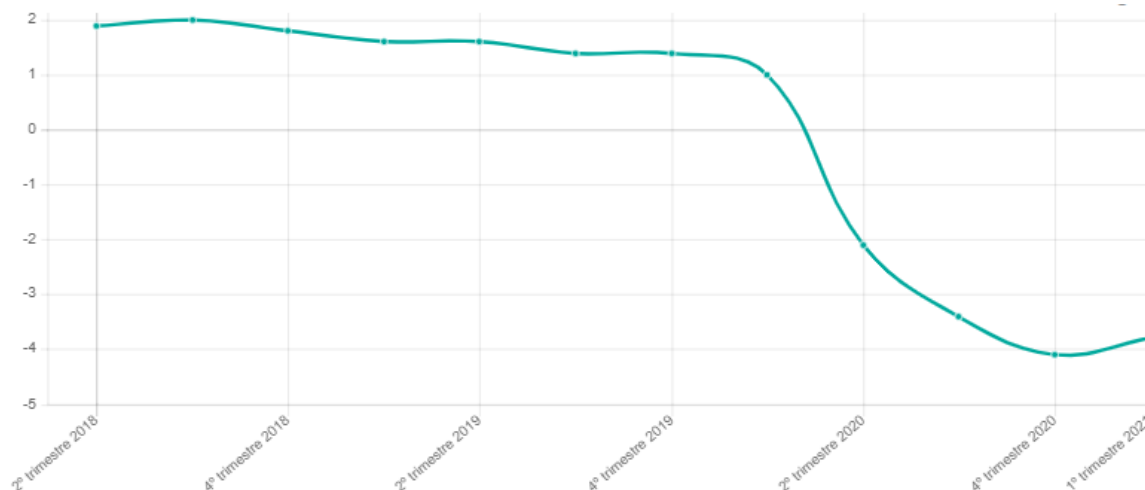


Fonte: FGV/Social/CPS a partir de dados da PNADC/IBGE, 2019.

Já no Gráfico 4, a média móvel dos 4 trimestres dos anos de 2012 a 2019, mostra o aumento no índice de Gini, a partir do primeiro semestre de 2015, atingindo o máximo no segundo trimestre de 2019. O ano de 2019 foi o último demonstrado nas pesquisas do PNADC, mas que complementado por outras fontes bibliográficas, como a do banco mundial, por exemplo, houve um possível crescimento no decorrer de 2019 e, sobretudo, no primeiro trimestre de 2020, pois o alto índice de desemprego é um fato relevante para tal, assim como, a crise sanitária instaurada. A crise do novo coronavírus deixou os países sensíveis economicamente, em vista de que a necessidade de implantação da quarentena fez com que muitas empresas parassem as suas atividades. Nesse sentido, dada a circunstância de sensibilidade e emergência sanitária, advém-se a redução de importação e exportação entre os países em escala global, fazendo com que o giro econômico destes fosse afetado. Por assim dizer, o impacto gerado na atividade econômica no momento pandêmico enfrentado pelos países é evidenciado no PIB, que representa a soma de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um período estabelecido.

Assim, no Brasil, houve uma queda exponencial do PIB no ano de 2020, ano em que a pandemia avançou em território brasileiro e contribuiu para o aumento do índice de desemprego e disparidades. Dessa maneira, o país passa a enfrentar, sobretudo, maiores desigualdades econômicas em simultâneo, em que há recessão do PIB, o que se reflete no gráfico a seguir.

Gráfico 5 - PIB Trimestral 2018-2021



Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021.

Como se mostra no Gráfico 5, o ano de 2020, no Brasil, pode ser representado pelo retrocesso da economia, fazendo com que o PIB atinja o menor patamar desde o segundo trimestre de 2018. Assim, é possível interligar a recessão ao índice de desemprego, que recua ainda mais, também no mesmo ano, enquanto ocorre aumento da desigualdade de renda entre os grupos. É preciso, no entanto, ressaltar também a pequena retomada do PIB no primeiro trimestre de 2021, onde a expectativa no mesmo ano, consiste conforme o relatório Focus divulgado em junho do ano corrente, no crescimento do PIB que passaria de 3,52% para 3,96% na projeção de retomada da atividade econômica até o fim de 2021 (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2021).

Nesse ínterim, é importante notar que essa retomada econômica ocorre em um nível elevado e crescente de desemprego, o que parece demonstrar as mudanças estruturais na economia e mercado de trabalho causadas pela pandemia de Covid-19. Com o avanço da pandemia pelo Brasil, houve mudanças estruturais no mercado de trabalho e na forma como as empresas teriam que se remanejar e se adequar a essa nova mudança.

Com isso, a inserção da tecnologia nas empresas, algo que já era previsto, mas que se antecipou com a crise sanitária, exigiu das mesmas a realocação dos postos de trabalho, sobretudo dos cargos que não necessitam da presença tecnológica para o exercício da função, como a recepcionista, por exemplo.

Nesse contexto, de muitas incertezas sobre o futuro econômico do país, e dado o manejo dos cargos, boa parte da população foi dispensada.

Em vista disso, é inviável para as empresas manter o pessoal trabalhando em funções, que no momento, estavam na inércia. Dada a situação enfrentada, tal fato colaborou para o aumento do índice de desemprego e a disparidade de renda, pois mais pessoas ficaram à mercê de trabalhos que são degradantes e pagam abaixo da média. Segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), no ano de 2020, o setor que mais demitiu foi o setor de serviços, assim como segue na tabela abaixo, onde se destaca o saldo negativo no mesmo ano, frente às admissões do setor (CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS, 2020).

Gráfico 6 - Condições dos Setores do Trabalho

Grande Grupamento	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque	Vr. Relativa
⊕ Serviços	6.720.499	6.890.526	-170.027	18.519.857	-0,91%
⊕ Não Identificado	0	955	-955	0	
⊕ Comércio	3.623.093	3.622.593	500	9.398.810	0,01%
⊕ Agropecuária	861.649	804.046	57.603	1.608.557	3,71%
⊕ Indústria	2.623.933	2.536.762	87.171	7.562.203	1,17%
⊕ Construção	1.597.622	1.492.605	105.017	2.273.541	4,84%
Total	15.426.796	15.347.487	79.309	39.362.968	0,20%

Fonte: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS, 2020.

Ao analisar tais dados divulgados pelo CAGED no decorrer de 2020 (Gráfico 6), nota-se que, em contrapartida à desestabilização das contratações no setor de serviços, têm-se a melhora do setor agropecuário no quesito admissões. Assim, é possível analisar que ocorreu o aumento dos admitidos se comparado aos desligados no setor do agro, de forma com que fecha o ano com um saldo positivo, sendo o setor que possui o menor estoque de empregos no referido ano.

É possível analisar também o pouco avanço do comércio e o respectivo aumento exponencial do número de desligamentos, sendo assim, o segundo setor que mais demitiu no ano de 2020 e possivelmente o mais afetado devido à quarentena resultante da pandemia de Covid-19.

Dessa forma, o setor do comércio fechou o ano sem evolução nos índices e com mais pessoas sendo desligadas do que sendo contratadas. Além disso, o incremento tecnológico neste setor possibilitou, sobretudo, menos uso de trabalhadores, uma vez que houve aumento do uso de aplicativos para as divulgações e vendas pela internet, gerando o aumento significativo do e-commerce.

Desse modo, é o que mostra o levantamento de dados em 2020 da Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm), onde o crescimento nas vendas foi de 68% em comparação a 2019, elevando a participação do e-commerce no faturamento total do varejo, que passou de 5% no final de 2019 para um patamar acima de 10% em alguns meses do ano de 2020 (NUVEMSHOP, 2020).

A associação ainda ressalta que, 20,2 milhões de consumidores realizaram pela primeira vez uma compra pela internet em 2020 e que 150 mil lojas passaram a vender também por meio das plataformas digitais. Foram mais de 301 milhões de compras pela internet, com um valor médio de R\$419, segundo os dados.

Nesse contexto, é possível atrelar tal premissa ao aumento de pessoas demitidas no setor de comércio, tal como a baixa de admissões, transformando o setor de forma íntegra. Assim, dado que a inserção tecnológica no setor foi bastante relevante, como resultado trouxe o aumento do e-commerce, que acaba representando menor uso de mão de obra. Dentro deste contexto e, em contrapartida, ao crescimento do setor agropecuário, no que tange ao aumento das admissões, houve recuo dos setores de Construção e Indústria.

Desta maneira, a medida em que a quantidade de desligamentos desses setores acompanha as contratações, gera-se como resultado um estoque maior de empregos dentro desses setores no mercado no ano de 2020.

É preciso ressaltar, sobretudo, o impacto gerado pela pandemia e a crise econômica instaurada para a criação de novos empregos e também a realocação no mercado daqueles profissionais que perderam os empregos no momento de extrema vulnerabilidade socioeconômica do país. Por isso, é importante analisar a maneira como tudo ocorre e as possíveis soluções para os efeitos negativos deixados pela crise.

Nesse sentido, segundo o IBGE (2020), quase 15.400.000 de cidadãos terminaram o ano desempregados. Fato este que impacta diretamente no desenvolvimento econômico e social do país, aumentando a disparidade de renda entre os grupos, a vulnerabilidade das famílias mais pobres.

Contudo, o país passou, de forma necessária, a buscar maneiras de conter a disseminação do vírus, para que os efeitos não sejam maiores e impactem por mais anos o desenvolvimento. Ademais, os resultados obtidos no ano de 2020, na esfera social e econômica do país em meio à pandemia, são nitidamente reproduzidos no ano de 2021.

Assim, ainda com a pandemia se alastrando, os gestores defrontam-se com as dificuldades de sanar a disseminação do vírus em todo o território. Em consequência disso, os danos causados são agravados no decorrer dos primeiros meses de 2021, sendo que o país ainda continua sem nenhuma prevenção ou forma de conter o vírus.

Nesse cenário, para melhor compreensão dos fatores ligados ao alto índice de desemprego no país em meio à pandemia, é possível ressaltar que se acelerou em alguns anos a inserção da tecnologia. Deste modo, com a adesão da quarentena, exigiu-se de muitos empregados a forma de teletrabalho ou, como bem utilizado de 2020 em diante, o home office, levando muitos funcionários a trabalharem em casa.

Assim, muitas empresas aderiram a esse formato como definitivo, passando a ser denominado como o novo normal (TECCHIO, 2021), pois os retornos de produtividade foram eficientes, além da otimização de custos com aluguéis e materiais utilizados no dia a dia pelas organizações. Em contrapartida, aos aspectos positivos advindos da tecnologia, sendo estes ligados a inserção da tecnologia no ambiente de trabalho, com fins de evitar acidentes e doenças decorrentes da demasia de trabalho e das tarefas extenuantes, além de também inserir pessoas com deficiência no mercado, há as consequências negativas dessa inserção.

Nesse contexto, enquanto se gera dispensas individuais e/ou coletivas, cria-se o aumento do desemprego; enseja, em muitos casos, a alienação do trabalhador; descontextualiza trabalhadores não jovens, que não cresceram neste mundo informatizado, e por vezes sofrem para se amoldar à nova realidade, os chamados informaginalizados, entre outros malefícios (DINIZ, 2015).

Assim, os dados que dizem respeito ao desemprego no país, sobretudo em prospecto de 2020, além de estarem atrelados com o fator crítico da economia no momento de pandemia e inatividade dos setores comerciais, fábricas e diversas empresas, podem estar atrelados também à rápida inserção tecnológica no mercado de trabalho. Deste modo, as modificações nos postos de trabalho fazem com que as pessoas sejam dispensadas, ficando vulneráveis no mercado.

Contudo, o desemprego, além de ser um problema econômico, é um problema social, político e pessoal (CAMPILONGO; GONZAGA; FREIRE, 2020), enquanto a falta de emprego desestabiliza uma pessoa e a submete à fragilidade social, a baixa autoestima e ao não reconhecimento de si própria, também passa a não acreditar ser merecedora de um emprego.

Outrossim, a inserção da tecnologia no mercado de trabalho, se analisada pela perspectiva negativa, é prejudicial à geração de novos empregos, tal como para a permanência de algumas funções. Com isso, e segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) (1986), os trabalhadores mais afetados pela tecnologia são agrupados pelo grau de qualificação e nestes estão inseridos: a) trabalhadores poucos qualificados: pessoal de limpeza, manutenção, transportes, pessoal dos correios e telefonistas; b) trabalhadores especialistas ou de nível universitário: bibliotecários, artistas, escritores, profissionais da área de educação, profissionais da área de saúde, advogados e economista; c) trabalhadores com nível superior (formação geral): administradores, consultores de gestão, e engenheiros.

Desse jeito, estando todos pressionados pelo avanço tecnológico exponencial frente ao possível desemprego. Por fim, os principais resultados encontrados estão relacionados ao que Vasconcelos (2020) argumenta quando supõe que o mercado atual é fundamentado na exigência da relação dos indivíduos entre a tecnologia. Dessa maneira, enquanto se intensificam as exigências e, em simultâneo, não há resultados por parte do colaborador, começam a ocorrer as demissões, o que, e segundo Chiavenato (2005), gera consequências ruins para os trabalhadores e as empresas.

Contudo, a gestão de pessoas é uma área que está se atualizando devido à necessidade de um olhar para o recrutamento e seleção de talentos em contexto de muitas exigências, através da forma que, para Emmendoerfer (2017), é essencial para a integração de pessoas no mercado de trabalho, tal qual diz respeito a como vive o indivíduo, em relação ao mais íntimo assunto, como, por exemplo, a vida pessoal e familiar, como também em âmbito profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios a serem enfrentados em um contexto pós-pandêmico podem estar atrelados diretamente à forma com que se acelerou os processos de inserção da tecnologia nos meios acadêmicos e de trabalho. Assim, com o isolamento social e fechamento do comércio a fim de prevenir o aumento da propagação do vírus da Covid-19 no Brasil, provou-se, por um lado, ser uma eficiente maneira de conter o vírus, segundo a ciência no ano de 2020, mas, por outro,

acelerou-se processos em áreas que ainda estavam em fase de maturação, como a educação, por exemplo.

Nesse sentido, enquanto o comércio passou por mudanças devido aos efeitos da pandemia e da inserção da tecnologia, obteve-se mudanças na estrutura do mercado. Com a premissa de que tais mudanças serão permanentes, surge a necessidade de aderir ao que o mercado está necessitando. Tal conjuntura pode ser uma maneira de prevenir o aumento do desemprego e a demissão em grande escala, sendo uma forma de prezar pelos postos de trabalho e pela inserção de mais pessoas a esse contexto de mudança e incremento tecnológico.

Assim, com o imediatismo tecnológico no mercado de trabalho, os indivíduos que já tinham qualificações e habilidades necessárias ao novo normal, tiveram mais facilidade e novas oportunidades. Com isso, surge a necessidade das pessoas, já inseridas no mercado, buscarem novas formas de fazer negócios e de especialização e qualificação em áreas que envolvem a tecnologia. Tal realidade é cada vez mais esperada para os próximos anos e principalmente anos pós-pandemia, tendo em consideração os efeitos gerados pela crise no mercado e na forma como as relações se modificaram.

A gestão de pessoas, por um lado, tende a gerar uma era de funcionários ligados aos objetivos das empresas. Por isso, atualmente se busca, de acordo com cada empresa, o funcionário que possui competências e qualidades exigidas por essa determinada área ou setor e com isso, gera-se mais profissionais motivados a seguirem no ramo. Dessa maneira, é possível considerar que, ao ligar os objetivos do profissional aos da organização, forma-se colaboradores satisfeitos com o trabalho.

Portanto, trabalhadores que buscam qualificação na área e se desenvolvem constantemente podem agregar cada vez mais valor às organizações, e também no que diz respeito à carreira, crescimento profissional e pessoal. Dito isto, é possível analisar como a tecnologia impacta em diversos âmbitos na vida dos indivíduos, seja o social, o econômico ou os interpessoais, pois as relações vão se estreitando, o emprego ficando escasso para aqueles que não dispõem de meios técnicos e qualificações, conforme o exigido no mercado internacional, e o ramo de atividades ficando cada vez mais estreito.

Assim, exige-se mais desempenho, tempo, formação, preparo físico e emocional, entre tantas outras demandas, para segregar os indivíduos preparados para enfrentar e lidar com as exigências do ambiente em concorrência. Com isso, pode-se dizer que, dado ao avanço acelerado das mudanças previstas, mas não evitadas, obteve-se resultados negativos para o mercado de trabalho no Brasil contemporâneo.

Dessa maneira, a inclusão dos indivíduos no mercado está agregada à exigência de qualificação e desenvolvimento contínuos. Assim, o avanço da tecnologia corroborou para que muitas funções tivessem desfalques no mercado por serem consideradas ultrapassadas ou substituíveis e até mesmo extintas, agravando a situação do desemprego no país e enfatizando a necessidade da busca pela reinvenção, dando-se ênfase para o tecnológico.

Na situação de muitos jovens, uma solução para o problema enfrentado pode ser dada pela constante educação vinculada a áreas inovadoras e tecnológicas. Sendo assim, com a demanda pelo novo e inovador, os jovens, ao se inserirem no mercado de trabalho, já com uma visão para o exigido e o que se espera pela frente nos pós-pandemia, têm mais oportunidades do que os que não têm a visão voltada para as áreas tecnológicas.

Dado isso, entende-se que, em meio a muitas mudanças e concorrência no mercado de trabalho, aquele que concordar com as exigências e com base na sua transformação e adequação frente à inserção tecnológica em um momento de crise global, que exigiu rapidez e agilização dos processos, terá mais oportunidades frente aos que não se atermem ao uso das novas tecnologias e aceitarem a mudança e como o novo mundo tende a funcionar. Os desafios enfrentados em um contexto pós-pandemia, portanto, consistem no ritmo acelerado de inserção

de tecnologia e, conseqüentemente, na falta de preparo dos cidadãos para as mudanças que tal implantação acarreta.

Com isso, para se encontrar soluções definitivas e gerar resultados, é necessário se ater às mudanças que se inserem no novo contexto e buscar qualificação, formação e conhecimento nas áreas mais inovadoras e tecnológicas. Por fim, essa pode ser uma forma de ultrapassar ou estar lado a lado das mudanças, assim não ficando para trás e tendo mais possibilidade de inserção e êxito no mercado

REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Como será o mercado de trabalho depois da Covid-19?** São Paulo: RH para você, 2020. Disponível em: https://rhpravoce.com.br/colunistas/como-sera-o-mercado-de-trabalho-depois-da-covid-19/?cli_action=1626799921.426. Acesso em: 20 jul. 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Focus: Relatório de Mercado.** Brasília, DF: BCB, 2021. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/focus/focus/R20210521.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021.

BANCO INTERNACIONAL PARA RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO. **Distribuição de renda ou consumo.** Washington, DC: Banco Mundial, 2021. Disponível em: <http://wdi.worldbank.org/table>. Acesso em: 23 jun. 2021.

CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS. **Dados setoriais: 2020.** [S. l.]: CAGED, 2020. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNWl5NWl0ODEtYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDElYWl2IiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWM5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9>. Acesso em: 05 jul. 2021.

CAMPILONGO, C. F.; GONZAGA, A. de A.; FREIRE, A. L. (coord.). **Enciclopédia Jurídica da PUCSP, Tomo 7: Direito do Trabalho e Processo do Trabalho: O Desemprego Tecnológico.** São Paulo: PUCSP, 2020. Disponível em: https://enciclopediajuridica.pucsp.br/pdfs/o-desemprego-tecnologico_5f2e049dcdd5d.pdf. Acesso em: 08 jul. 2021.

CHIAVENATO, I. **Gerenciando com as pessoas.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DATHEIN, R. Teorias econômicas e políticas contra o desemprego. **Pesquisa & Debate**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 121-153, 2005.

DINIZ, P. D. F.. **Trabalhador versus automação:** impactos da inserção da tecnologia no meio ambiente do trabalho à luz da tecno direito e da tecnoética. Curitiba: Juruá, 2015.

EMMENDOERFER, M. L. Temporalidade e Implicações do trabalho gerencial no cotidiano. **Revista pensamento contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 70-84, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11297/pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

HENRIQUES, C. M. P.; VASCONCELOS, W. Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 99, maio/ago. 2020. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ea/a/BWWTW6DL7CsVWYrqcMQYVkB/?lang=pt_ Acesso em: 20 jul. 2021.

HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, M. **História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

IAMARINO, A. **Sair do isolamento agora é querer voltar ao mundo que não existe mais**. [Entrevista cedida a] André Shalders. Brasília, DF: BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52061804>. Acesso em: 16 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Taxa de desocupação: PNAD Contínua**. [S.l.]: IBGE, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em: 23 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PIB -Taxa acumulada em quatro trimestres: SCNT [1º trimestre 2021]**. [S.l.]: IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em: 23 jun. 2021.

LUIGI, R.; SENHORAS, E. M. **O novo coronavírus e a importância das organizações internacionais**. São Paulo: Nexo Jornal, 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/O-novo-coronav%C3%ADrus-e-a-import%C3%A2ncia-das-organiza%C3%A7%C3%B5es-internacionais>. Acesso em: 28 jun. 2021.

MATTEI, L.; HEINEN, V. L. Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 647-668, out./dez. 2020. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rep/a/8snSbBwVqmYgd5pZVQ5Vhkn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MELO, C. **Como o coronavírus vai mudar nossas vidas: dez tendências para o mundo pós-pandemia**. [São Paulo]: El país, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html>. Acesso em: 12 jul. 2021.

NERI, M. C. **A escalada da desigualdade: Qual foi o impacto da Crise sobre a Distribuição de renda e a pobreza?** Rio de Janeiro: FGV Social, 2019. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/A-Escalada-da-Desigualdade-Marcelo-Neri-FGV-Social.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021.

NUVEMSHOP. **Nuvm Commerce: Relatório anual do e-commerce em 2020 e tendências para 2021**. 6. ed. [S.l.]: Nuvemshop, 2020. Disponível em: https://d26lpennugtm8s.cloudfront.net/assets/blog_pt/nuvemcommerce_2020-21.pdf. Acesso em: 16 jul. 2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Les partenaires sociaux face au changement technologique, 1982-1985**. Geneve: Bureau International du Travail, 1986. Disponível em: https://www.ilo.org/public/libdoc/ilo/1985/85B09_375_fren.pdf. Acesso em: 09 jul. 2021.

OUR WORLD IN DATA. **Morte total**. [S. l.]: Google notícias, 2021. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR & mid=%2Fm%2F02j71 & gl=BR & ceid=BR%3Apt-419>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PINHEIRO, C.; RUPRECHT, T. **Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. O que fazer agora?** [S.l.]: Veja Saúde, 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PRONI, M. W. Teorias do Desemprego: um guia para o estudo: texto para discussão. **Instituto de Economia/Unicamp**, Campinas, n. 256, ago. 2015. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3409/TD256.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2021.

ROGERS, K. **O que a pandemia de gripe espanhola de 1918 pode nos ensinar sobre a Covid-19**. [São Paulo]: CNN Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/09/26/o-que-a-pandemia-de-gripe-espanhola-de-1918-pode-nos-ensinar-sobre-a-covid-19>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SOARES, I. **Como o distanciamento social ajuda a frear a disseminação do coronavírus**. Porto Alegre: Gaúcha ZH, 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/03/como-o-distanciamento-social-ajuda-a-frear-a-disseminacao-do-coronavirus-ck7wkcm0r05g701pq2yrbe69e.html>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

TECCHIO, M. **Home office veio para ficar, mas não forma que funciona hoje**. [São Paulo]: CNN Brasil Business, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/01/07/home-office-veio-para-ficar-mas-nao-da-forma-que-funciona-hoje>. Acesso em: 09 jul.2021.

VASCONCELOS, E. **RH: O novo mercado de trabalho está desafiando cada vez mais esse setor!** Araguari: Rede Jornal Contabil, 2020. Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/rh-o-novo-mercado-de-trabalho-esta-desafiando-cada-vez-mais-esse-setor/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. 4. ed. Brasília: UnB, 2004.

Recebido em: 24/07/2021

Aceito em: 30/11/2021